

**TRILHOS QUE SE BIFURCAM:  
FORMAÇÃO E INSERÇÃO ENTRE  
CANDIDO E RAMA<sup>1</sup>**

**Eduardo Andrés Mejía Toro**  
eamejiat@unal.edu.co

*Trens de ferro – e bondes – descarrilam. Os sistemas de pensamento e as metodologias de leitura também e, ainda, os paradigmas do saber.*

Silviano Santiago

Em março de 2015, Silviano Santiago ministrou a aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG (Faculdade na qual se formou), proferindo uma palestra intitulada *A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial – um depoimento*.<sup>2</sup> Nessa exposição, o professor e crítico mineiro questionou, em atitude coerente com sua trajetória crítica, alguns conceitos caros à historiografia literária brasileira, como *formação* e *nação*. Mas, antes mesmo da palestra, Ewerton Martins Ribeiro, do Portal UFMG, entrevistou Santiago e, nesse momento, ele formulou uma asserção que intitularia a entrevista e problematizaria meu horizonte de compreensão dos sistemas literários na América Latina: “A literatura brasileira precisa superar o

---

<sup>1</sup> Este trabalho, que integra uma pesquisa mais ampla, desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária do IEL-Unicamp, é financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

<sup>2</sup> Depoimento baseado em seus artigos “Formação e inserção”, publicado em *O Estado de S. Paulo*, 26 maio 2012, e, “A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo”, publicado na *Folha de S. Paulo*, 7 set. 2014.

paradigma da *formação* e entrar no da *inserção*” (SANTIAGO, 2015, s.p., grifo meu).

Tal asserção afirma a contraposição entre o paradigma da formação e o da inserção, e ainda, a partir do olhar de Santiago, permite compreender como, sob o paradigma da formação, a literatura é vista como uma forma de fazer ou compreender a nação; e sob o paradigma da inserção, a literatura participa de sistemas literários para além do nacional, se preocupando com a contribuição do sistema literário num contexto mundial: “inserção da linguagem Brasil em contexto universal” (SANTIAGO, 2015, s.p.).

Esse pressuposto de uma oposição entre os referidos paradigmas é, a meu ver, fundamental, pois propõe um caminho interpretativo que contesta diretamente as ideias que balizaram minha dissertação de mestrado (MEJÍA TORO, 2014). Nessa pesquisa, eu pretendia revisitar o diálogo intelectual entre Antonio Candido (1918-) e Ángel Rama (1926-1983) como um “bastão numa corrida de revezamento”, como já o tinham proposto, sob diferentes horizontes, Oliveira (2000), Garramuño e Amante (2001), Aguilar (2001), Rocca (2006, 2013), Rojo (2007), Aguiar (2013), entre outros. A conclusão forçosa de minha pesquisa de mestrado foi que os dois autores, sob diferentes horizontes culturais, representavam tanto o paradigma da formação quanto o da inserção na América Latina. Essa leitura, como pretendo demonstrar, não é sustentável na medida em que considera que os dois críticos, partindo de trilhos conceituais comuns, culminam na bifurcação de seus respectivos caminhos: Candido seria o crítico da Formação e Rama o da Inserção? Veremos mais adiante.

Mas em que consiste essa dialética fundamental entre Formação e Inserção? Mais ainda: por que tal dialética resulta tão problemática se pensada na relação intelectual entre Candido e Rama? Elucidar essas questões é o que pretendo neste artigo.

## CANDIDO E O PARADIGMA DA FORMAÇÃO

O ano de 1959 pode ser um referente importantíssimo para compreendermos o que Silviano Santiago propõe como paradigma da formação. De fato, aquele ano foi fundamental para a historiografia literária brasileira, pois Antonio Candido publicaria o primeiro tomo de sua *Formação da literatura brasileira*, e Afrânio Coutinho, por sua vez, publicaria *Introdução à literatura no Brasil*. Em análise desse episódio, Santiago afirma:

O Afrânio Coutinho fez um jogo esperto. Ele fala de uma literatura “no” Brasil, e não da literatura “do” Brasil. Nesse sentido, interessa-me pensar sobre quando você pode usar o adjetivo “brasileiro” para qualificar a literatura. Por isso, o livro do Candido me interessa mais. *É a primeira obra da história da literatura brasileira em que se discute quando se pode usar o adjetivo brasileiro para falar da literatura. Porque a literatura, em si, é tudo, menos brasileira; que se trata de um adjetivo extremamente restritivo* (SANTIAGO, 2015, s.p., grifo meu).

O que o crítico chama de esperteza em Coutinho não é mais do que a sutileza de desprender o objeto estético literário da relação de subordinação com o imaginário nacional. Coutinho, ao incluir no título de sua obra a preposição “no”, consegue metodologicamente manter como foco principal a relação literatura-sociedade sem restringir a produção estética ao âmbito nacional. Caso radicalmente oposto é o de Candido, que, ao pesquisar o paradigma da formação, consegue se inserir em uma tradição intelectual bastante reconhecida no Brasil, mas, em contraposição, vincula-se inevitavelmente à procura evolutiva e à questão nacional. Enquanto a pergunta, para Coutinho, incide sobre os processos literários no Brasil, no caso de Candido, a ênfase se mantém na questão nacional, a partir de uma indagação nuclear: quando se tem uma literatura propriamente brasileira?

Não é uma novidade reconhecer que parte da intelectualidade brasileira tem sido regida pelo paradigma da formação da nação. Arantes (1997) e Schwarz (1999), no esforço de compreender o papel de Candido no pensamento nacional, têm destacado a relação do autor com seus predecessores, já que o paradigma da formação, de que falou Santiago, é o centro de grande parte das obras canônicas da cultura brasileira. Segundo Arantes e Schwarz, podem-se considerar como predecessores de Candido, por exemplo, Joaquim Nabuco (1849-1910), Gilberto Freyre (1900-1987), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), Caio Prado Jr. (1907-1990) e Celso Furtado (1920-2004). Esses autores, para Candido, valorizaram, sob diferentes marcos conceituais, o estudo dos processos de formação não culminados como articuladores da sociedade brasileira:

Esses críticos conceberam a literatura do Brasil como expressão da realidade local e, ao mesmo tempo, elemento positivo na construção nacional. Achei interessante estudar o sentido e a validade histórica dessa velha concepção cheia de equívocos, que forma o ponto de partida de toda a nossa crítica, revendo-a na perspectiva atual. Sobre este aspecto, poder-se-ia dizer que o presente livro constitui (adaptando o título do conhecido estudo de Benda) uma “história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura” (CANDIDO, [1959], 2013, p. 28).

Note-se nesse trecho de Candido que a ênfase recai sobre os processos dos brasileiros e não sobre a literatura propriamente dita. Esse interesse no processo de formação já tinha sido considerado por Arantes (1997), que aborda a escrita de *Formação da literatura brasileira* como resultado da obsessão crítica de Candido por encontrar linhas evolutivas que permitam compreender o fenômeno literário histórica, estética e socialmente. Essa obsessão, segundo Arantes, ultrapassou o livro de 1959 e constituiu um método constante na obra do crítico. Candido seguiria esse método tão abrangente que pretendia compreender um corpus que desse forma e estrutura às produções brasileiras; um método mediante o qual fosse compreensível a evolução, o desenvolvimento, a difusão, o ensino, o estudo crítico e a análise dos processos literários brasileiros. Numa palavra, Candido tentava preencher o paradigma da formação, em todas as variantes e singularidades que esse paradigma pudesse trazer para o campo literário brasileiro, integrando uma tendência de análise corrente entre vários estudiosos brasileiros:

Que se trata de verdadeira obsessão nacional dá testemunho a insistente recorrência do termo nos principais títulos da ensaística de explicação do caso brasileiro: *Formação do Brasil contemporâneo* [1942], *Formação política do Brasil* [1967]; *Formação econômica do Brasil* [1958]; [*Os donos do poder:*] *Formação do patronato político brasileiro* [1975] etc. – sem contar que a mesma palavra emblemática designa igualmente o assunto real dos clássicos que não a trazem enfatizada no título, como *Casa-grande & senzala* [1933] e *Raízes do Brasil* [1936] (ARANTES, 1997, p. 11).<sup>3</sup>

Desse grande corpus de ensaístas programáticos, os autores do paradigma da formação infeririam uma estrutura que nortearia os estudos sobre a vida cultural brasileira. A proposta de Santiago de contestar a adjetivação quase natural do objeto literário com um referente nacional resulta sumamente interessante ao pensar a obra de Candido e, mais ainda, a tradição que esse autor representa. A assertiva “Porque a literatura, em si, é tudo, menos brasileira”, de Santiago, contrasta propositalmente com a “história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura”, de Candido.

Essa contraposição oferece dois olhares completamente diversos sobre o fenômeno literário, dos quais, no caso de Candido, Anita Moraes, em sua recente obra *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido* (2015), instiga-nos a desconfiar:

---

<sup>3</sup> O próprio Paulo Arantes se insere na tradição com sua obra *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana* (1994).

[Candido] não apenas descreve e analisa formação do sistema, mas torce por ele, o crítico se mostra feliz quando algo parece confluir para a formação de um sistema literário brasileiro (que por sua vez, integra e amplia outro, o da literatura ocidental). Importa, então, perguntar: por que é motivo de regozijo para o estudioso ver funcionando aqui um sistema literário? De outra maneira: o que se espera da literatura na *Formação*? (MORAES, 2015, p. 60).

A perspicaz pergunta de Moraes coaduna com o olhar de Santiago, uma vez que convida a desconfiar do paradigma da formação e sustenta ao mesmo tempo a possibilidade de uma outra leitura constelar, inconclusa e transgressora do literário no Brasil. Uma leitura que, por que não, possa entrever os traços do discurso colonial na *Formação da literatura brasileira*. A pergunta de Moraes, em nada inocente, lembra a discussão proposta por Haroldo de Campos que, em *O sequestro do barroco na Formação da literatura brasileira* (1989), acusa Candido de possuir uma estrutura linear, superficial e até teleológica, dado que, ao pensar numa origem simples para a literatura brasileira – que, aliás, é pensada sob as datas canônicas – exclui a vertiginosa complexidade do processo de consolidação da literatura no Brasil.

Se considerarmos a literatura como produto da cultura ocidental, nas Américas esta seria fruto de um processo de colonização, o qual pode ser caracterizado como uma imposição, advinda do domínio linguístico, político, religioso e cultural. Na literatura, o discurso seria o espaço de luta entre o bárbaro, que figura até hoje como o inapreensível, e o civilizado, que representa o aparato repressor; disputa essa da qual a crítica também faz parte.

Costa Lima (1991) ultrapassa a discussão de Campos e considera que o estudo da história literária com pressupostos da história nacional legitimaria os escritores como heróis a serviço da nação e da civilização, responsáveis por seu progresso. Para esse crítico, a *Formação da literatura brasileira* faz parte da crítica literária que privilegia o nacional e, com isso, concebe a história literária como uma sucursal da história política das nações, que, por sua vez, integram a grande marcha do progresso da civilização – concepção histórica perigosamente teleológica, sobretudo se observada sob um viés pós-colonial. Costa Lima reconhece que a atividade do campo literário no século XX está fundamentada na questão da literatura nacional, em curso desde o século XIX. Essa predominância do nacional no horizonte intelectual fez com que as histórias literárias, como a de Candido, se tornassem uma extrapolação da historiografia política, ao serem dinamizadas pelo conceito de nação (COSTA LIMA, 1991).

Essa afluência crítica ao redor do paradigma da formação da nação não pode deixar de se reconhecer como a marca de uma tradição que, ao procurar grandes esquemas interpretativos, se fixa em categorias como progresso e nação, apagando consigo todos os discursos que não se inserem nesse processo civilizador. Anita Moraes, percebendo essa crise no discurso da *Formação da literatura brasileira*, convida-nos a questionar:

Temos a dicotomia civilização/barbárie rondando as considerações do autor, sendo que os escritores, ou intelectuais, apresentam-se como agentes de civilização em meio a um ambiente primitivo, rústico, semibárbaro (MORAES, 2015, p. 34).

De um lado, seguindo a trilha do projeto colonial, encontra-se altissonante o paradigma da formação, vinculado estreitamente ao da nação e ao de progresso da civilização; do outro lado, situa-se o paradigma da inserção, do “bárbaro”, “inculto” e “rústico”, das “grandes massas”, de que fala Candido em sua obra. Cabe ao leitor decidir por quais trilhos quer encaminhar sua leitura.

## RAMA E O PARADIGMA DA INSERÇÃO

Nesta segunda parte, procurarei não me deter na tão conhecida relação intelectual entre Candido e Rama.<sup>4</sup> Pretendo, sim, destacar alguns traços do método crítico de Ángel Rama (como contraponto ao de Antonio Candido), com vistas a avaliar seu horizonte crítico sob o paradigma da inserção, considerando esse paradigma como uma forma de compreensão do fenômeno literário consequente do diálogo do sistema literário local-mundial, tudo isso a partir do conceito de maioria intelectual, segundo propõe Santiago:

---

<sup>4</sup> Relação estudada com profundidade nos dois livros de ensaios editados pela Universidade de Pittsburgh: *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos* (1997), organizado por Mabel Moraña, e *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos* (2001), organizado por Raúl Antelo; na tese de doutorado do professor Pablo Rocca, *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano* (2006), e, mais recentemente, no livro *Ángel Rama: um transculturador do futuro* (2013), organizado por Flávio Aguiar e Joana Rodrigues, publicado pela Editora UFMG.

A minha tese básica é que devemos sair desse paradigma [da formação] e entrar no paradigma da “inserção”. É pensar que já estamos adultos, já estamos maiores, e que tudo chegou à sua maioridade. E então começar uma reflexão sobre como você encara essa maioridade (SANTIAGO, 2015, s.p.).

Pode-se afirmar que os trilhos que dividem os aparatos conceituais de Rama e de Candido são os trilhos da modernidade. Modernidade esta que, a meu ver, se concentra precisamente no momento da maioridade do sistema literário, quer dizer, no momento em que o sistema literário consegue sua independência. Se considerarmos que esse momento de maioridade é estudado pelos dois críticos a partir de horizontes diferentes – por Candido, num capítulo dedicado a Machado de Assis em sua *Iniciação à literatura brasileira* (1997), intitulado “O sistema literário consolidado”; por Rama, em seu reconhecido livro *Rubén Darío y el Modernismo* (1970) –, cabe perguntar por que Candido privilegiara o “Modernismo” de 22 em detrimento dos escritores naturalistas, parnasianos e simbolistas ao lhes dar forçosamente o epíteto de “pré-modernistas” e apesar de serem esses os autores da consolidação do sistema literário nacional, como o mesmo Candido reconhece? Do lado de Rama, a abordagem recai nos modernistas,<sup>5</sup> na independência literária da virada do século, em que se consolida uma linguagem literária capaz de abrigar as inflexões e diferenças regionais, nacionais e históricas na elaboração literária do imaginário moderno da América Hispânica, pois, enquanto se gestava a independência do sistema literário nacional do Brasil, projeto de proporções continentais, na América Hispânica a vasta comunidade linguística hispanoparlante permitia a fundação de um sistema literário transnacional, que, por sua vez, participaria de outros sistemas:

Tem-se que reconhecer nos escritores da modernização o nível de fundadores da autonomia literária latino-americana, neste novo nascimento da região. Ao mesmo tempo em que surgem as primeiras histórias das literaturas nacionais, vinculando o passado colonial com os anos da independência e fixando fronteiras frequentemente artificiais com as literaturas dos países vizinhos, a intercomunicação e a integração no marco literário ocidental instauram a novidade de um *sistema literário latino-americano* que, ainda que debilmente traçado na época, dependendo, todavia das pulsões externas,

---

<sup>5</sup> O Modernismo da América Hispânica corresponde, cronologicamente, aos movimentos simbolistas e realistas no Brasil. Por sua vez, o Modernismo brasileiro corresponde, cronologicamente, aos movimentos vanguardistas da América Latina. A este respeito, leia-se SCHWARTZ, 2008.

não faria outra coisa que desenvolver-se nas décadas posteriores e concluir no robusto sistema contemporâneo (RAMA, 1985, p. 87).<sup>6</sup>

Nesse ponto, pode-se perceber a clara distância entre as formas como ambos compreendem a literatura. Por um lado, o uruguaio, sob um aparente paradigma de inserção, apresenta uma visão cultural continental que lhe permite superar a tradição nacional (ligada ao paradigma da formação) e pensar a América Latina num âmbito cultural que integraria as expressões estéticas brasileiras e seus modernismos (naturalistas, parnasianos e simbolistas) com os modernistas e vanguardistas da América Hispânica. Rama apaga com essa escolha crítica a emergência da ideia de nação e a cristalização do Modernismo enquanto vanguarda, como movimento unívoco de representação nacional do Brasil. Por outro lado, Candido destaca a vanguarda (posterior), o Modernismo, sobre os ditos “antigos modernistas” que os precederam:

A denominação de Modernismo abrange em nossa literatura, três fatos intimamente ligados: um movimento, uma estética e um período. O movimento surgiu em São Paulo com a famosa Semana de Arte Moderna, em 1922, e se ramificou depois pelo país, tendo como finalidade principal superar a literatura vigente, formada pelos *restos* do Naturalismo, do Parnasianismo e do Simbolismo (CANDIDO; CASTELLO, 1996, p. 9, grifo meu).

Resulta fundamental destacar que são esses “restos do Naturalismo, do Parnasianismo e do Simbolismo” que Rama classifica como “fundadores da autonomia literária” na América Latina. O olhar de inserção das teorizações de Rama, nesse sentido, implica a ampliação das fronteiras do conceito de Modernismo, estendendo-as à América Latina. Vale a pena questionar então se a interpretação do sistema literário de Rama consiste em ampliar as fronteiras da nação, estendendo-as à América Latina. Tal leitura do continente para além das fronteiras geopolíticas – as quais, na América Latina, são, em grande medida, heranças do passado colonial

---

<sup>6</sup> “Debe reconocerse a los escritores de la modernización el rango de fundadores de la autonomía literaria latinoamericana, en este nuevo nacimiento de la región. En el mismo tiempo en que surgen las primeras historias de las literaturas nacionales, vinculando el pasado colonial con los años de la independencia y fijando fronteras frecuentemente artificiales con las literaturas de los países vecinos, la intercomunicación y la integración en el marco literario occidental instauran la novedad de un *sistema literario latinoamericano* que, aunque débilmente trazado en la época, dependiendo todavía de las pulsiones externas, no haría sino desarrollarse en las décadas posteriores y concluir en el robusto sistema contemporáneo.” (RAMA, 1985, p. 87, tradução minha).



– permite ao autor uruguaio reconhecer a cultura e a literatura como um movimento antropológico e cultural para além da lógica estrita do nacional.<sup>7</sup> Isso faz com que, por exemplo, o crítico considere um escritor como Sousândrade (1832-1902) como um modernista inquestionável, e Mário de Andrade (1893-1945) como um vanguardista fundamental. A diferença entre os dois seria que o primeiro conseguira a maioria do sistema literário e o segundo dela usufruiu.

A ideia hegemônica do Modernismo impulsionada por Candido permite confrontar o Modernismo de 1922 com os modernistas da virada de século:

Modernismo, qual? Dos artistas de 1922 ou do 1900? Da geração de 1930 ou de 1870? Dos comunistas de 1922 ou do movimento operário socialista e libertário das décadas precedentes? Dos arquitetos acadêmicos ou dos engenheiros de obras públicas? Dos “tenentes” dos anos 1920 ou dos abolicionistas e republicanos de meio século antes? Dos poetas metropolitanos ou dos seringueiros do Acre? Dos fios telegráficos da Comissão Rondon ou dos índios rebeldes? De Mário e Oswald de Andrade ou de Mário Pedrosa e Lívio Xavier? Da revolução “técnica” ou da revolução “social”? Dos nacional-integralistas ou dos bolchevistas? Do Manifesto Antropófago ou do Primeiro de Maio? (HARDMAN, 2009, p. 186).

Seguindo as considerações de Foot Hardman, vale a pena perguntar como o Modernismo, vanguarda, tem cristalizado um imaginário de identidade nacional, dentro do paradigma da formação, excluindo todos os outros movimentos que não atendem à sua configuração:

[É por causa de] parte da crítica e das histórias culturais e literárias produzidas [...] que construíram modelos de interpretação, periodizaram, releram o passado cultural do país, enfim, com as “lentes” deste Movimento. Tais modelos, “atados em demasia à noção de “vanguarda”, em flagrante anacronismo, ocultaram processos culturais relevantes que se gestavam na sociedade brasileira, a rigor, desde a primeira metade do século XIX (HARDMAN, 2009, p. 168).

Ao retomar as marcas da herança cultural, seja para avaliá-las, seja para negá-las, o vanguardismo, afirma Rama, em seu “Medio siglo de narrativa latinoamericana” (1985), não só inventou o futuro como também

---

<sup>7</sup> “Este segundo mapa latinoamericano es más verdadero que el oficial cuyas fronteras fueron, en el mejor de los casos, determinadas por las viejas divisiones administrativas de la Colonia y, en una cantidad no menor, por los azares de la vida política” (RAMA, 1982, p. 58).

reinventou o passado. Essa releitura do passado explica a ruptura com o presente, com as formas estéticas estabelecidas por este, pela procura incessante do “novo”. Algumas vezes, a novidade estava naquele próprio passado, sob a forma de tradições insuspeitadas, dispersas ou perdidas, como em grande medida aconteceu com os discursos subalternos.

Nos anos 1920, na América Hispânica, os artistas se autodenominaram “vanguardistas”. Do lado brasileiro, o nome reivindicado foi Modernismo. Não obstante, apesar das nomenclaturas diferentes, tanto Rama quanto Candido concordaram que esses movimentos de renovação e *avant-garde* tiveram um ritmo comum, propósitos semelhantes e interfaces estéticas significativas.

Em toda a América Latina, a produção literária girou em torno da coexistência entre a “novidade” e as formas locais. “Novidade” que consistia no afã de superar não apenas o passado, mas também o presente, projetando-se para o futuro:

Na América Latina existiriam dois focos de vanguarda, São Paulo e Buenos Aires. Nessas duas cidades, verifica-se a ocorrência de uma vinculação com as ideias vanguardistas europeias, através da proposta de uma ruptura radical com o passado e da referência a uma realidade virtual que se projeta no futuro. As vanguardas europeias representariam, nesse caso, um estímulo e um modelo, imprimindo uma direção universalista à produção literária. A segunda postulação diz respeito à chamada “cor local”, que tende ao realismo, suscita o regionalismo e manifesta claramente uma certa continuidade com o passado, pois pressupõe a valorização das tradições e alimenta um certo sentimento de nostalgia, resistente às inovações do mundo contemporâneo. Mas como as tendências renovadoras se exprimiram por vezes nos termos do regionalismo, houve na América Latina uma “dupla vanguarda” (OLIVEIRA, 2000, p. 100).

Curiosamente, o caso mais representativo em que as vanguardas reinventariam o passado ocorreria precisamente na própria historiografia literária paulistana, que reinventou os primeiros modernistas como pré-modernistas, e a vanguarda como “O” movimento modernista, único, hegemônico e de caráter nacional, apesar de possuir uma evidente origem regional. Assim, procurou-se ocultar os movimentos e autores paralelos que tinham registros divergentes em relação à Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo.

Para Rama, os modernistas foram os primeiros a produzir uma literatura autônoma na América Latina. Escritores como Rubén Darío e Sousândrade conseguiram consolidar seus campos literários e ao mesmo tempo conseguiram se prospectar para além de seus sistemas literários e linguísticos iniciais. Por exemplo, Rubén Darío seria homenageado pela Academia Brasileira de Letras em 1912, com discurso de José Veríssimo,

enquanto Ricardo Palma, crítico e escritor peruano, reconhecera, no ano de 1900, *O Guesa errante* (1871) de Sousândrade como obra fundamental do “americanismo literário”.<sup>8</sup> Curiosamente alguns cantos de *O Guesa errante* foram publicados no mesmo jornal, editado em Nova York, *O Novo Mundo*, em que Machado de Assis publicaria seu “Instinto de nacionalidade” (1873). Seria sensato se perguntar então, dentro do modelo da *Formação da literatura brasileira*, mais especificamente dentro do “sistema literário nacional” proposto por Candido, como se põe em tensão a interação dinâmica entre autores, obra e público nacionais, quando um autor nacional é publicado e reconhecido por diversos sistemas literários?

Foi a partir das criações estéticas modernistas que se deu a consolidação do sistema literário continental e dela nasceram, em seguida, as vanguardas: Criacionismo, Ultraísmo, Modernismo, Estridentismo, Euforismo... Aliás, foi nos conceitos de Candido que Rama encontrou uma chave de interpretação da América Latina. Poderíamos nos indagar se o caminho inverso não traria bons frutos no que se refere a uma revisão das interpretações correntes da tradição literária brasileira.

## UM EMBAIXADOR NA AMÉRICA LATINA

É notório que uma linha de estudos críticos sobre a literatura da América Latina tem considerável apreço pela figura de Antonio Candido. De fato, esse autor formulou alguns textos críticos – poucos, se pensarmos em sua escrita tão prolífica – sobre esse continente e sua literatura. Contudo, o interesse de alguns críticos da América Hispânica pelos conceitos de Candido não demonstra que a “América Latina”, como um projeto, tenha sido relevante na trajetória do crítico brasileiro. Candido escreveu pouco sobre esse tema e seus poucos escritos podem ser considerados até tardios se pensados em relação às dinâmicas ideológicas de seus contemporâneos. Então, vale a pena indagar, retomando os termos de Silviano Santiago: sob que paradigma Candido olha para a América Latina?

Com a intenção de compreender o papel tão problemático de Candido nos estudos latino-americanos, Gonzalo Aguilar (2001) destaca, por exemplo, que o interesse do crítico brasileiro em escrever sobre a América Hispânica começa com o texto “*Sous-développement*

---

<sup>8</sup> Ricardo Palma. *Cachivaches*. Lima: Imp. Torres Aguirre, 1900, p. 129.

*et Littérature en Amérique Latine*” (1970),<sup>9</sup> interesse que começaria a crescer na revista *Argumento* (1973)<sup>10</sup> e que, com as viagens do crítico a Cuba, a partir de 1979, ganhariam especial ênfase. Em seu livro *Recortes* (1993), Candido publica alguns textos compilados entre as décadas de 1960 e 1990, quatro artigos e um discurso que nasceram de seu contato mais direto com o mundo hispânico: “Em (e por) Cuba” (1979), “Discurso em Havana” (1981), “Os brasileiros e a nossa América” (1989), “Cuba e o socialismo” (1991) e “O olhar crítico de Ángel Rama” (1993). O crítico brasileiro escreve também “O papel do Brasil na nova narrativa” (1979)<sup>11</sup> e “Literatura, espelho da América?” (1995), textos que, segundo Aguilar, somados com algumas referências sobre a América Latina em seus escritos sobre literatura brasileira, não representam um grande corpus de interesse. “Neste ponto, Candido continua a tendência cultural brasileira, que tem origens no século XVIII, de fazer *corpus* com as literaturas metropolitanas comparando a diferença da produção nacional em relação a essas” (AGUILAR, 2001, p. 75-76).<sup>12</sup> Se o olhar de Candido sobre a América Latina se limitasse à sua produção bibliográfica latino-americanista, talvez não tivesse tido a mesma relevância na tradição literária da América Hispânica – considerem-se as poucas traduções das obras do autor brasileiro ao espanhol. Porém, sua contribuição tem força tanto pelo peso crítico de seus conceitos quanto por seu papel como agente cultural, ao possibilitar o encontro de críticos hispano-americanos com o campo literário brasileiro. Se Candido e Rama se conhecem, é precisamente porque Candido viaja ao Uruguai em 1960, levando as bandeiras de sua literatura. Em 1970, Rama ministra algumas aulas na USP e, logo depois, participa de encontros na Unicamp,

---

<sup>9</sup> Texto originalmente publicado em francês no jornal *Cahiers d'Historie Mondiale*, Unesco, v. 12, n. 4. Logo depois, seria traduzido e publicado, em espanhol, com o título “Literatura y subdesarrollo”, em *América Latina en su literatura* (1972). Finalmente, teria sua publicação em português: “Literatura e subdesenvolvimento”, na revista *Argumento* (1973).

<sup>10</sup> A revista *Argumento* só conseguiu completar quatro números antes de ser fechada pela ditadura militar em 1974. Nessa revista, tentavam-se incluir aportes da América Hispânica.

<sup>11</sup> Publicado no jornal *Workshop The Rise of New Latin American Narrative, 1950-1975* (1979).

<sup>12</sup> “En este punto, Candido continuaba la tendencia cultural brasileña, que se remonta al siglo XVIII, de armar *corpus* con las literaturas metropolitanas y plantear la diferencia nacional en relación con éstas” (AGUILAR, 2001, p. 75-76, tradução minha).

convidado por Candido (1980).<sup>13</sup> Os dois críticos começam a coincidir em diferentes espaços intelectuais até que, finalmente, trabalham em um projeto comum, ainda que de maneiras desiguais: compreender a relação profunda dos povos da América Latina através de sua produção cultural. Esse projeto tomaria forma na Biblioteca Ayacucho, da qual Rama participaria como criador e editor, tendo Candido apenas como assessor.

Segundo Garramuño e Amante (2001, p. 95), por exemplo, ler os textos sobre o sistema literário brasileiro de Candido é um trajeto possível para entender seu percurso na América Latina, pois, partindo destes, pode-se rastrear um caminho de interpretação quase paradoxal: “Onde Candido esquece a América Latina ao pensar o Brasil pode se rastrear um jeito de pensar o Brasil na América Latina”.<sup>14</sup> Evidentemente, na perspectiva das autoras, é necessário refletir sobre por que Candido não se ocupa da América Latina, pois esse mesmo esquecimento é o que a literatura brasileira tem sofrido por séculos dentro da literatura latino-americana. Essa possibilidade de interpretação, apenas teórica, evidencia a fronteira cultural que ainda persiste entre as Américas e justifica, salvo engano, que, num contexto maior, Candido se mantenha firme em seu paradigma da formação.

Exemplo da afirmação anterior é a *Introducción a la literatura de Brasil* (1968), grande precedente dentro da crítica do escritor brasileiro que, ciente do conhecimento parcial que as nações hispânicas tinham – e em alguns casos mantêm – sobre a literatura brasileira, decide publicar, em Caracas, diretamente em espanhol, um breve estudo sobre a configuração do sistema literário brasileiro. Esse gesto indica um interesse evidente do autor por seu vizinho mais próximo, o mundo hispânico, mas conservando-o sempre como “o Outro”. Essa obra indica, também, um

---

<sup>13</sup> O “Encuentro sobre historia de la literatura latinoamericana”, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), realizou-se de 4 a 6 de julho de 1983. Desse encontro, participaram, entre outros eminentes críticos, Antonio Candido, Ángel Rama, Antonio Cornejo Polar, Beatriz Sarlo y Norman Potter. As palavras de Beatriz Sarlo sobre o objetivo do encontro em Campinas deixam explícito o interesse comum desses críticos em pensar as narrativas latino-americanas a partir de sua heterogeneidade: “las dificultades expuestas por el corpus de la literatura latino-americana a una crítica que se propone pensar la heterogeneidad como la unidad de textos, funciones y tradiciones culturales” (SARLO, 1980, p. 4).

<sup>14</sup> “Donde Candido olvida Latinoamérica al pensar el Brasil puede rastrearse una manera de pensar el Brasil en Latinoamérica” (GARRAMUÑO; AMANTE, 2001, p. 95, tradução minha).

interesse inverso, da crítica da América Latina por conhecer o Brasil, já que é republicada três anos depois em Havana, pela Casa de las Américas. Nessa obra de 1968, Candido empreende uma leitura crítica, a qual consiste em reconhecer que, desde suas origens, a literatura brasileira foi estruturada, assim como a hispano-americana, pelo olhar do Outro – pense-se, por exemplo, que a primeira história literária do Brasil, *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826), foi feita por um francês, Ferdinand Denis (1798-1800).

## MARGENS OPOSTAS DE UM MESMO RIO

Difundir uma literatura para a América Latina que considere, ao mesmo tempo, como unidade e alteridade a identidade cultural do continente, que reflita sobre sua formação e sua contribuição em outros sistemas literários, a partir de locais discursivos autóctones, mas com um viés político e intelectual comum, ligado à transformação social dos povos que a constituem, foi o projeto fundador da Biblioteca Ayacucho. A relevância de uma obra como essa, dentro do projeto latino-americanista de Rama, diretor literário da Biblioteca, é fundamental quando se considera sua ânsia por “construir uma literatura”, um “sistema literário” que envolva a distribuição de obras, a criação de um público leitor e a legitimação de uma tradição própria, esboçada nas obras de autores latino-americanos.

A Biblioteca Ayacucho considera cada um dos lugares do “sistema literário” proposto por Candido – obra e meios de produção, autores e público –, mas com um prisma continental. Nesse projeto editorial, se vê o resgate das culturas do continente interpretadas criticamente, projetando-se, desde sua constituição, como um precedente na história intelectual latino-americana, considerando as circunstâncias difíceis, nos anos da sua fundação (1974), que a fizeram refúgio de um grupo importantíssimo de intelectuais exilados pelas ditaduras do continente, do qual o próprio Rama faria parte.<sup>15</sup>

As obras que constituem o acervo editorial da Biblioteca Ayacucho compartilham algumas características especiais em seu olhar latino-

---

<sup>15</sup> Podem-se destacar nesse aspecto alguns textos como a entrevista com Noé Jitrik em *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay* (org.: Haydée Ribeiro Coelho). Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2003, p. 117-124.

-americanista. As edições das obras escolhidas vinham precedidas de um prefácio crítico escrito por algum grande intelectual do continente à época. Com isso, pretendia-se, primeiramente, contextualizar a obra, na tradição latino-americana; em segundo lugar, buscava-se dar ênfase à sua contribuição no projeto de inserção dentro do continente; em terceiro, procurava-se realçar seu aporte na formação intelectual dentro da qual participavam mais diretamente; e, em quarto, visava-se estabelecer um diálogo entre os maiores pensadores da América Latina. Há que se considerar que os campos temáticos não estavam restritos à literatura, pois se estendiam a todos os campos da cultura, incluindo estudos sociais, históricos, políticos, antropológicos, econômicos e artísticos, entre outros.

Segundo Haydée Ribeiro Coelho (2013), Antonio Candido e Darcy Ribeiro foram os maiores representantes do Brasil na formação da Biblioteca Ayacucho, projeto de dimensão continental, financiado pelo governo venezuelano. Seguindo a leitura de Coelho, o papel desses autores brasileiros não foi fundamental apenas para a escolha das obras brasileiras que participariam originalmente da Biblioteca,<sup>16</sup> pois estes também participaram elaborando os prefácios de algumas das obras escolhidas, como *Memorias de un sargento de milicias* e *Ensayos literarios*, compêndio da obra de Silvio Romero, que tiveram prefácio de Candido. Darcy Ribeiro, por sua vez, elaborou os prefácios de *Casa-grande & senzala* e de *La fundación de Brasil (Testimonios: 1500-1700)*. Como autor, Candido publicou na biblioteca *Crítica radical* e Darcy Ribeiro, *Las Américas y la civilización*. Nesse sentido, Rama apareceu como editor de mais de dez obras que compõem a Biblioteca, destacando-se os prefácios à obra de Rubén Darío, *Poesía*; à seleção *Poesía gauchesca*; e, como autor, publicou *La crítica de la cultura en América Latina*, um compêndio póstumo de suas maiores produções críticas.

Em carta de José Ramón Medina a Darcy Ribeiro, datada de 10 de fevereiro de 1984, pode-se ler a projeção da Biblioteca Ayacucho no continente:

---

<sup>16</sup> Os volumes, dedicados à literatura, à cultura e às artes brasileiras foram publicados nas décadas de 1970 e 1980: *Casa-grande & senzala*, 1977 (v. 11); *Memorias de un sargento de milicias*, de Manuel Antônio de Almeida, 1977 (v. 25); *Cuentos*, de Joaquim M. Machado de Assis, 1978 (v. 33); *Arte y arquitectura del Modernismo brasileño (1917-1930)*, 1978 (v. 47); *Dos novelas (Recuerdos del escribiente Isaías Caminha y El triste fin de Policarpo Quaresma)*, de Lima Barreto, 1978 (v. 49); *Quincas Borba*, de Machado de Assis, 1979 (v. 52); *Obra escogida*, de Mário de Andrade, 1979 (v. 56); *Los sertones*, de Euclides da Cunha, 1980 (v. 79); *Obra escogida*, de Oswald de Andrade, 1981 (v. 84) e *Ensayos literarios*, de Silvio Romero, 1982 (v. 93).

[...] desde sua origem, foi uma empresa de cultura venezuelana, mas de projeção eminentemente latino-americana por sua fidelidade aos ideais que inspiram seu histórico nome. Assim o demonstra uma centena de títulos que foram editados até o presente, os quais representam uma seleção de autores e de obras fundamentais nas variadas disciplinas das letras, da filosofia, da história, do pensamento político, a antropologia, a arte, o folclore e outros [...] Ayacucho é um lugar de clássicos literários e filosóficos e antropológicos (MEDINA apud COELHO, 2010, p. 97).

Candido confere o mesmo destaque em “Uma visão latino-americana” (1991): “foi uma das mais notáveis empresas de conhecimento e fraternidade continental da literatura e do pensamento. Inclusive porque foi a primeira vez que o Brasil apareceu num projeto desse tipo em proporção adequada” (CANDIDO, 1991, p. 46).

Na Biblioteca Ayacucho, as obras e seus prefácios eram traduzidos e publicados em espanhol. Lamentavelmente, não se considerou realizar o projeto bilíngue. Contudo, a abertura às produções brasileiras foi grande: dos primeiros 100 exemplares, 10 foram para a intelectualidade brasileira e se pretendia que, dos 500 que a Biblioteca originalmente compreenderia, 100 fossem brasileiros. Em carta a Antonio Candido, datada de 26 de janeiro de 1983, Rama dá conta de seu interesse por inserir ainda mais obras brasileiras no acervo da biblioteca:

Os 20 exemplares brasileiros estavam calculados para os primeiros 100 exemplares (e só apareceram 10!) de modo que já estou pedindo que sugira novos exemplares e preparadores, visto nosso atraso no plano. Dentre os 500 não menos de 100 têm que ser brasileiros. Estou enfiado no novecentismo brasileiro, maravilhado com Cruz e Souza (quem poderia traduzi-lo?), divertido com João do Rio, entusiasmado com a pintura de Visconti. Quem pudera ter 800 anos para ler toda a literatura brasileira! (RAMA apud ROCCA, 2006, p. 74).<sup>17</sup>

De fato, a contribuição de Candido confere destaque quando se pensa que a primeira obra brasileira a ser publicada foi o romance de Manuel Antônio de Almeida, com prefácio do crítico brasileiro, no qual repassa as

---

<sup>17</sup> “Los 20 tomos brasileños estaban calculados para los primeros 100 tomos (¡y sólo aparecieron 10!) de modo que ya te estoy pidiendo que sugieras nuevos tomos y preparadores visto nuestro atraso en el plan. En los 500 no menos de 100 deben ser brasileños. Estoy metido en el novecentismo brasileño, maravillado con Cruz e Souza (¿quién podría traducirlo?), divertido con João do Rio, entusiasmado con la pintura de Visconti. ¡Quién pudiera tener 800 años para leer toda la literatura brasileña!” (RAMA apud ROCCA, 2006, p. 74, tradução minha).



mesmas categorias que já tinha elaborado em “Dialética da malandragem”. Essa obra é acompanhada por uma nota de rodapé que remete ao texto de Walnice Nogueira Galvão, relacionando o romance de Almeida com *Macunaíma*. Sobre esse aspecto, Haydée Ribeiro Coelho destaca:

A associação entre *Memórias de um sargento de milícias* e *Macunaíma* institui um jogo de temporalidades no âmbito da apresentação da história literária brasileira que, mostrada de forma não linear para o leitor hispano-americano, situa-o na encruzilhada de vários aspectos culturais e literários brasileiros. Cria, ainda, uma expectativa para uma futura publicação do livro de Mário de Andrade na Biblioteca Ayacucho (COELHO, 2013, p. 128, grifo meu).

Segundo Coelho (2013), a Biblioteca Ayacucho representou, para os intelectuais exilados, a possibilidade de se integrarem ao projeto latino-americano, ao partir de uma circulação transnacional forçada. Ao deixar para trás a visão linear de história, possibilitou a releitura de uma tradição e sua interlocução com as problemáticas da época. A tradução das obras brasileiras para o espanhol abriu as portas da cultura brasileira para o mundo hispânico, estabelecendo uma ponte continental e afirmando um sistema literário para a América Latina. Contudo, o fato de as publicações serem impressas em espanhol, ainda que com conteúdos brasileiros, manteve as portas fechadas na direção contrária da ponte. De fato, a Biblioteca Ayacucho não conseguiu estabelecer um público leitor no Brasil. Isso significa que, lamentavelmente, foi muito mais forte a presença do Brasil na Biblioteca Ayacucho do que a dessa instituição no país.

\*

Apesar da assertiva inicial de Silviano Santiago contrapor os paradigmas da formação e da inserção como modelos epistemológicos de compreensão dos fenômenos literários, é preciso reconhecer nesses paradigmas mais que estruturas fixas, formas de trânsito intelectual. Nesse sentido, resulta interessante perceber como Candido se encontra profundamente ligado ao paradigma da formação da nação e como sua experiência latino-americana foi, antes de tudo, a de um brasileiro fora de seu eixo, como foi apresentado. Sua atitude foi a de um embaixador e sua urgência na América Latina foi a de compartilhar com seus vizinhos a experiência das Letras de sua nação. Ao mesmo tempo, é importante destacar também que Rama se encontra profundamente ligado aos dois paradigmas: do jovem Rama preocupado com a formação literária do Uruguai ao último Rama, que fez da América Latina sua nação, sobrevive

um eco do paradigma da formação, mas, nesse trajeto de substituição da experiência nacional pela de uma cultura continental, Rama teve que se inserir primeiro em múltiplos projetos regionais, deslocando sua percepção singular uma e outra vez até contestar o sistema literário como forma “nacional”. A Editorial Ayacucho, terceira margem de nosso rio, demonstrou, em sua primeira geração, que tal complementaridade é possível ao pensar num mesmo patamar a formação da literatura da América Latina e a inserção e diálogo desta dentro do cenário mundial:

*Rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio.*  
Guimarães Rosa

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Flávio. Ángel Rama e Antonio Candido: de um encontro feliz a uma nova realidade crítica na América Latina. In: *Ángel Rama: um transculturador do futuro* (org.: Flávio Aguiar; Joana Rodrigues). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 33-45.
- AGUILAR, Gonzalo. Ángel Rama y Antonio Candido: salidas del modernismo. In: *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos* (org.: Raúl Antelo). Pittsburgh: Serie Críticas, 2001, p. 71-94.
- ARANTES, Paulo. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: ARANTES, Otília; ARANTES, Paulo. *Sentido da formação*. São Paulo: Paz & Terra, 1997, p. 7-66.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *Um departamento francês de Ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)*. São Paulo: Paz & Terra, 1994.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: história e antologia*. 10. ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- COELHO, Haydée Ribeiro. Arturo Ardao e a integração latino-americana. In: ARDAO, Arturo. *A hora do Canadá* (org.: Haydée Ribeiro Coelho). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 15-26.
- COELHO, Haydée Ribeiro. O Brasil na Biblioteca Ayacucho: vertente literária e cultural. O eixo e a roda, Belo Horizonte: UFMG, v. 18, n. 2, p. 85-103, 2010.

- COELHO, Haydée Ribeiro. O papel do intelectual, a cultura e a Biblioteca Ayacucho. In: *Ángel Rama: um transculturador do futuro* (org.: Flávio Aguiar; Joana Rodrigues). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 119-135.
- COSTA LIMA, Luiz. Concepção da história literária na *Formação*. In: \_\_\_\_\_. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 149-166.
- CUNHA, Roseli Barros. *Transculturização narrativa, seu percurso na obra de Ángel Rama*. São Paulo: Humanitas, 2007.
- HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In: \_\_\_\_\_. *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: UNESP, 2009.
- GARRAMUÑO, Florencia & AMANTE, Adriana. Partir de Candido. In: *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. (org.: Raúl Antelo). Pittsburgh: Serie Críticas, 2001, p. 95-117.
- MEJÍA TORO, Eduardo Andrés. *Ángel Rama e Antonio Candido: de um sistema literário para o Brasil à construção de uma literatura para a América Latina*. 2014. 98 f. Dissertação de Mestrado. Teoria da Literatura e Literatura Comparada, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-9RXED/\\_ngelramaeantoniocandido.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-9RXED/_ngelramaeantoniocandido.pdf?sequence=1). Acesso em: 23 jun. 2015.
- MORAES, Anita. *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido*. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.
- OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. Ángel Rama e Antonio Candido: confluências do olhar. In: *Trocas culturais na América Latina* (org.: Luis Alberto Brandão Santos; Maria Antonieta Pereira). Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 97-104.
- RAMA, Ángel. *Las máscaras democráticas del modernismo*. Montevidéo: Fundación Ángel Rama, 1985.
- RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Montevidéo: Fundación Ángel Rama, 1982.
- ROCCA, Pablo. *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano*. 2006. Tese de Doutorado. Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ROCCA, Pablo. Antonio Candido, cultura, pensamento, sociedade. In: *Ángel Rama: um transculturador do futuro* (org.: Flávio Aguiar; Joana Rodrigues). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 67-78.
- ROJO, Grínor. Ángel Rama, Antonio Candido y los conceptos de sistema y tradición en la teoría crítica latinoamericana moderna. *Caligrama*, n. 12, p. 7-33, 2007.

ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: \_\_\_\_\_. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, vol. II, p. 409-413.

SANTIAGO, Silvano (Portal UFMG). Silvano Santiago: A literatura brasileira precisa superar o paradigma da formação e entrar no da inserção. 2015. Entrevista feita por Ewerton Martins Ribeiro. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/037483.shtml>. Acesso em: 10 abr. 2015.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2008.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.